

# O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR

## ASSIGNATURAS

Um anno . . . . .	1\$200 réis
Seis mezes . . . . .	\$600 "
Parte do Brazil, por anno . . . . .	2\$000 "
Parte da Africa, por anno . . . . .	1\$200 "
Numero avulso . . . . .	30 "

Annunciam-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

## PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Manuel Luiz.

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

## PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha . . . . .	40 réis
Repetições . . . . .	20 "
Imposto do selo . . . . .	10 "

Originaes sejam ou não publicados não se restituem. Annuncios permanentes e communicados preço convencionado.

## CONSELHEIRO JOÃO FRANCO

Acompanhando o retrato do sr. Conselheiro João Franco, publicou o nosso collega do *Districto de Leiria*, no seu ultimo numero, o artigo que com a devida venia transcrevemos.

«A penna que subscreeve o rapido perfil do homem para que se voltam as atenções do paiz, não solicitou favores dos partidos militantes, nem os explorou, como aliás lhe não seria difficil, nem usou das suas relações pessoais com alguns dos ministros que tem passado pelo poder. Essa mesma penna, em idade em que outros descançam para lograr os favores alcançados facilmente n'um paiz onde as mediocridades se elevam a planuras inopinadas, veio pôr-se desinteressadamente, e com a consciência plena do seu limitadissimo valor, ao serviço da causa que o sr. conselheiro João Franco tomou em mãos, para dignidade de um paiz ameaçado de naufragio completo.

Mas este facto que no seu particularismo ou considerado isoladamente na esphera da abstracção, pouco ou nada significaria, tem de concorrer, como symptoma, com os factos similares que todos os dias, e nos pontos mais oppostos da nossa patria, merecedora de melhor fado, se denunciam a todos os momentos. E' que, fóra d'esta orgia em que as actividades politicas dos partidos se estão consumindo alheias a todo o ideal generoso, avessas á subordinação de um plano governativo consentaneo com as aspirações do paiz, á manutenção d'esse ponto de honra, no interior e no exterior que todos os Estados têm por dever sustentar, ha uma cousa infinitamente superior, e cujas tradições estão sendo esfrangalhadas pelos homens de poucos escrúpulos que entre si parece quererem dividir uma sagrada tunica.

A acção dos partidos politicos, tal como se tem patenteado nos ultimos annos da sua existencia, não deixa a menor dúvida nos espiritos que seguem a evolução dos phenomenos sociais, de que se trata apenas de dar satisfação aos egoismos, á cupidez, á soffreguidão, dos seus militantes, deixando aos que vierem a tarefa de *fecharem a porta* como souberem ou quizerem, com deshonra ou velupendio com abdicacão da dignidade nacional ou com sacrificio da propria integridade da patria!

Mas a nação que trabalha, mas a nação que paga o imposto arrancado ás escassas economias ou descontado a futuros e falliveis redditos, mas a massa populosa de Portugal que se sacrifica para lutar dignamente com as desvantagens de uma agricultura escassamente remuneradora, de uma industria de precaria existencia ou ameaçada da estabilidade de uma legislação caprichosa, não são precisamente as clientelas que disputam a posse das benesses distribuidas insensatamente pelos partidos aos seus guarda-costas. E essa população desilludida da acção proficua dos partidos na vida nacional, olha alternativamente para o negrume longiquo, annunciador da tormenta em que todos podemos ser sobvertidos e para a estatura de *alguem* que possa armar um pulso de ferro para fazer estacar, se é possível, a nau que vai impellida brutalmente para a voragem!

Esse *alguem*—não é a amizade ou a simples phantasia que a incindem as adhesões e as sympathias que o proclamam quotidianamente—esse *alguem* é o sr. conselheiro João Franco! Não é um capricho d'opinião que surgiu sem antecedentes logicos, sem uma explicação derivando de circumstancias historicas; é um movimento perfeitamente reflexo, nascido da inevitavel acção dos factos preparada por uma experiencia anterior de qualidades que o sr. João Franco revelou como estadista, uma das quaes a *energia*, e depois a rapidez de *acção*, a subitaneidade da *discussão*, o impuzeram ao respeito dos seus concidadãos, por ventura mesmo de adversarios que, por arrigimentação nos partidos, ou por exclusivismo de doutrina, lhe não applaudiram outr'ora a politica.

Não caminham os tempos de feição a exageros de lyrismo na apreciação dos homens que parece estarem destinados a exercer uma acção predominante, providencial, nos momentos calamitosos das nações. Não são possíveis os *Messias*; mas são possíveis os homens de *acção*, sobresahindo tanto mais quanto mais desce o nivel das mediocridades que entre si partilham a administração publica.

Cresce dia a dia a popularidade do sr. conselheiro João Franco; avoluma-se o coro dos que aneiam pela sua acção governativa, vendo-o de mais a mais escudado por um conjuncto de qualidades que vão rareando nos estadistas.

As desgraçadas circumstancias porque se afirma a vida politica dos partidos da rotaçào, mais realce estão dando á physionomia em todo o

ponto sympathica do nosso querido chefe. Tendo de soffrear a penna para não cahir em louvores que poderiam desvirtuar-se pela suspeita do seu fundamento. A verdade é que a sympathia que da sua pessoa se espalha, é já de per si uma força; mas força indito mais extraordinaria é então a do seu prestigio como caracter da rija tempera, medrado n'esse coração do paiz—a Beira—d'onde tem sahido as figuras mais eminentes da nossa historia. As suas mãos estão purissimas de conluios gananciosos, de surpresas e manivérsias dos syndicatos, das torpezas combinativas por detrás das quaes está o ludibrio para os contribuintes.

Muito ganhará pelo exemplo todo aquelle que intimamente conhecer o sr. João Franco. As suas observações, o seu conselho, as suas familiaridades são encantadoras! E depois quando se está no seu *home*, onde tudo é simplicidade, onde tudo respira essa disciplina familiar, que é o mais solido prefacio da disciplina que todos os estadistas deviam imprimir ás relações da vasta familia que se chama a nação, temos um como rebate da alma romana, d'esses tempos severos da republica a mais forte da antiguidade que pela disciplina do seu braço, da sua vontade, e das suas relações juridicas teve o poder de conquistar quasi todo o mundo então conhecido.

O sr. conselheiro João Franco desdobra-se em duas personalidades igualmente dignas do nosso respeito: o homem *intimo*, todo familia, todo consagrado á sua dedicada esposa e ao seu estremecido Frederico, physionomia aberta e que já revela a continuação das tradições paternas na posse da melhor riqueza do homem—o caracter; o homem—cidadão, o homem que tendo em nenhuma conta os gosos faceis da vida, compraveis a dinheiro, põe soberaneiramente a essas vulgaridades, o amor do seu torrão, sentindo na sua alma todos os rasgões que actos da mais provada insensatez e responsabilidade futura, como os contractos Williams, e seus proveis derivados, abrem no credito da patria; sentindo na sua consciencia o peso do Dever, na presente conjunctura em que os espiritos parece estarem invadidos por a *apagada e vil tristeza* de que nos fala o nosso grande poeta.

Esse *Dever* saberá o sr. conselheiro João Franco, estadista de caracter, e engrandecido pela experiencia dos ultimos tempos, cumpril-o digna e honradissimamente.

E' esta a convicção sincera dos que o estimam; é a esperança dos

que, n'um movimento impulsivo de reacção patriótica, talvez providencial, adheriram ao seu credito politico!

## Escandalo principesco

A imprensa europêa, na quasi sua totalidade, tem largamente commentado o caso de ter a princeza Luiza Antonieta, filha do rei da Saxonia, abandonado o lar domestico, deixando o esposo e filhos, para fugir com o preceptor d'estes, por quem se apaixonou, como qualquer desgraçada da baixa esphera.

A imprensa, e nomeadamente os jornaes de maior circulação, sempre ávidos por noticias com que encham as suas columnas, exploram os casos mais repugnantes que deveriam até occultar por decoro, porque os maus exemplos são tanto mais perniciosos quanto de mais alto elles veem, e assim contribuem para o abastamento da decadencia moral.

Tem estado em Aréga, aonde passou as festas do Natal e Anno Bom, com sua familia, o nosso assignante e amigo, sr. José Nunes dos Santos, commerciante em Caldas da Rainha.

## Missas

Foi grande o numero de pessoas que assistiram ás duas missas ditas na igreja parochial d'esta freguezia, no dia 13 do corrente, 30.º dia do fallecimento do sempre chorado filho de Figueiró, que se chamou Manuel Quaresma d'Oliveira.

Alí concorreram pessoas de todas as categorias sociais, impellidas de certo, não só pelo sentimento religioso, mas tambem pela sympathia que aquelle contencioso amigo lhes inspirou em vida e veneração que tributam á sua memoria.

De visita a sua familia esteve em Castanheira de Pera, o nosso amigo e assignante do Porto, sr. José Fernandes de Carvalho, socio da firma commercial d'aquella cidade—Macedo & Carvalho.

Tem melhorado um pouco da grave doença que ha tempo o accommeteu, chegando o seu estado a inspirar serios cuidados, o sr. Manuel Caetano, de Pedrogam Grande.

Muito estimamos que tais melhoras se vão accentuando e em breve se veja restabelecido.



## O vinho como medicamento

É muitas vezes aconselhado o vinho a título de medicamento.

Está especialmente indicado em varias doenças crônicas; recorre-se a elle nas doenças febris como antipyretico, isto é, gosando da propriedade de fazer baixar a temperatura do corpo; mais a mais constante das suas applicações therapeuticas é quando começa a convalescença das doenças agudas, porque estimula todo o organismo e auxilia poderosamente a reparar as forças perdidas durante a doença.

Nô uso do vinho como medicamento precisamos attender á quantidade e á qualidade.

Como quantidade, tem de ser doseado como qualquer outro medicamento. Administrado em doses insufficientes não desenvolverá todo o effeito que d'elle se poderia esperar; administrado em doses excessivas, perde todas as suas virtudes e torna-se francamente prejudicial.

A submissão a doses moderadas d'este não desagradavel medicamento representa, para muitos doentes, o unico defeito de que pôde ser accusado.

—As varias qualidades de vinhos contem em diversas percentagens certos principios cuja acção therapeutica procuramos: alcool, tanino, alguns ácidos e saes.

Por isso é que teremos de escolher um determinado typo de vinho segundo o fim a que visamos.

Quando procuramos combater a demasiada elevação de temperatura das doenças febris, devemos preferir os vinhos ricos em alcool, como são os nossos vinhos finos Porto e Madeira, porque o agente antipyretico do vinho é o alcool.

Quando pretendemos combater a prostração de um convalescente, es-

colhemos vinhos tintos de força alcoolica mediana.

Os vinhos tintos são os mais tónicos pela sua riqueza em tanino e em alguns saes, mas não lhes dispensaremos uma certa força alcoolica que determinará o estímulo necessario.

Se se trata de combater vômitos, certas doenças dolorosas de estomago, do peritonéo, escolheremos os vinhos espumosos aproveitando o effeito calmante do seu ácido carbónico.

Para obter effeitos diuréticos escolheremos os vinhos brancos especialmente indicados em algumas dyspepsias.

—Quando é aconselhado o vinho generoso nas doenças febris ou n'uma convalescença, se as condições de fortuna o permitem, dá-se do vinho mais velho que se pôde obter. Haverá n'isso vantagem?

N'um artigo medico recentemente publicado vejo contestada essa vantagem.

Os vinhos muito velhos ganham em aroma, tornam-se incomparavelmente mais agradaveis ao paladar, á custa de certas transformações.

Formam-se aldehydes, éthers e outros derivados em virtude de combinações do alcool com o oxigênio e com os ácidos orgânicos; modificam-se tambem alguns productos carbonados, provenientes da película da uva.

Estas transformações do vinho tornam-no mais inebriante, produzem uma excitação cerebral mais forte, mais fatigante na sua continuação, sem augmento das suas propriedades tónicas.

Assim dever-se-ha optar por um vinho de boa procedencia, puro e com idade bastante para lhe supprimir a acrimonia dos vinhos novos.

Dr. José de Magalhães,  
Medico.

(Da Gazeta das Aldeas).

## FOLHETIM

### O AMOR DOS AMORES

Ha muitissimos annos, e n'um paiz cujo nome as chronicas não registam, vivia um medico famoso, de prodigiosa sciencia e infalliveis prognosticos. A celebridade e o prestigio de que gosava devia-os em grande parte ao extraordinario merito de possuir secretos especificos de sua invenção, e de realisar curas maravilhosas, mediante processos mysteriosos por ninguém mais empregados.

Assim é que o sabio curava radicalmente quantos se submettiam sem réplica ao seu tratamento, por extranho que fosse, e pequenos e grandes, pobres e ricos, velhos e jovens acudiam em grande numero a sua casa, desejosos de saude.

Certo dia foi consultal-o uma formosa joven sobre a enfermidade de um seu irmão, que, segundo dizia, estava em perigo de vida.

O ancião conservou-se pensativo breves momentos; consultou depois um volumoso livro, tornou a meditar e disse por fim:

—A enfermidade de teu irmão depende de um phenomeno sympathico, ao qual estás ligada... Queres cural-o?

—Não desejo outra cousa.

—Então segue-me.

Conduziu-a a uma sala completamente desprovida de moveis, vendendo apenas no centro um enorme pezo de chumbo.

—Para curar teu irmão—exclamou—é preciso que levantes com uma só mão este pezo e o arremesses pela janella.

—Mas isso... deve pezar muitissimo!

—Nada mais do que seis arrobas.

—Deus meu! Não terei forças para movel-o uma linha apenas!

—Submette-te á prova.

—Para que? É inutil!

E voltou-lhe as costas murmurando: Se meu irmão morre... que hei de fazer mais do que choral-o?

Decorreu um mez, e Philomena, que assim se chamava a joven, voltou por segunda vez á consulta.

Vinha chorosa, febril, e exclamou, atropellando as palavras:

—Senhor... senhor! Meu pae morre-se!

—Ah! Tão enfermo está teu pae?

—Sim, mas por Deus, não vos demoreis.

—Nada posso fazer por elle; só tu poderás devolver-lhe a saude.

—Como?

—Levantando aquelle pezo.

—Corrâmos!

Precipitou-se Philomena para a já citada sala, aproximou-se da massa de chumbo, e, pegando n'uma argola que tinha na parte superior, fez inuteis esforços para movel-a... Vencida pelo canção não tardou em abandonar-se á sua dôr.

—Oh! Meu Deus!—disse soluçando—Não haverá outro meio de salvar meu pae?

—Sómente esse—respondeu o impassivel medico, indicando o pezo;—arroja-o pela janella e teu pae viverá.

## Notas falsas

Continuam a apparecer notas falsas de 5\$000 reis.

Em Lamego foram ha dias prezos dois individuos que se empregavam no reudoso mister da passagem das ditas notas, entrando em diversos estabelecimentos fazendo insignificantas compras.

Estas notas, confrontando-as com as verdadeiras, reconhecem-se facilmente.

Na frente vê-se em algumas das casas que lá estão, que diferem um pouquinho, muito principalmente uma que está um pouco mais torta e a corôa mais inclinada. Falta-lhes as palavras a agua: «Banco de Portugal», e a cara que tambem está a agua está pouco comprehensivel e até algumas já têm desaparecido; e as côres são mais claras.

Apesar d'estas minuciosidades, não evita a que muita gente seja enganada, porque nem todos estão com o incommodo de as confrontar, mas em todo o caso, podel-o-hão fazer facilmente, verificando apenas se tem ou não intelligivelmente as palavras a agua: «Banco de Portugal» e a cara que tambem se encontra num dos cantos da nota. E assim mesmo que se não saiba ler, poderão reconhecer a sua falsidade.

Sahiram na segunda feira d'esta semana para S. Thiago de Cacem e Ervellet (Beja), onde exercem o seu commercio, os nossos presados assignantes srs. Sergio Mendes Alberto e José Mendes Alberto, d'Aldeia das Freiras, do concelho de Pedro-gam Grande.

## Nova caixa postal

Foi creada uma caixa postal em Carregal Cimeiro, que ha poucos dias começou a funcionar e nomea-

—Então... é certa a sua morte.

E sabiu enxugando as lagrimas, enquanto o sabio movia a cabeça, como que duvidando do amor filial.

Dois dias depois falleceu o pae de Philomena. Esta sentiu muito tão irreparavel perda, se bem que não tardou em consolar-se ao lado de um pretendente com quem casou; fructo d'este enlace nasceu um menino formosissimo que tornou Philomena completamente feliz.

Tres annos decorreram e uma noite voltou pela terceira vez a nossa heroína á morada do medico; mas entrou como uma louca, desgrenhada os cabellos, dando lastimosos gritos e com todos os symptomas da desesperação.

—Homem cruel!—disse ao entrar

—Ides agora propôr-me tambem o mesmo remedio para salvar meu es-

poso, que se morre?

—Dispoz Deus que seja o unico: conforma-te com elle.

Correu Philomena desesperada ao lugubre aposento, que tão tristes recordações trazia á sua memoria. Agarrou o pezo com furia e conseguiu arrastal-o até proximo da janella, mas não pôde levantall-o do chão nem uma pollegada.

—Deus misericordioso!—gemeu ella no auge da dôr—Sou uma debil mulher... Tende compaixão de mim!

E fazia novas e infructiferas tentativas... O pezo movia-se de um e outro lado, mas sempre em contacto com o chão.

—Monstro!—gritou por fim, fitando o medico—Quereis um impossivel!

—Mas não levantas o pezo?

do depositario da mesma o sr. José Maria Barboza.

Prevenimos todos os habitantes que mais perto fiquem d'aquella localidade, que devem de futuro ali procurar as suas correspondencias e não no troviscal como até agora.

As correspondencias com destino á referida caixa, devem ter a seguinte direcção:

Figueiró dos Vinhos—

CARREGAL

## Theatro

Parece estar definitivamente fixado o dia 8 do proximo mez de fevereiro, para o primeiro espectáculo do nosso grupo dramatico de amadores. Tem sido tal o numero de contra-tempos que lhe tem succedido, que não obstante os seus ensaios terem dado principio ha um mez, pouco mais ou menos, só poderá ter logar a recita no dia indicado.

Na verdade só uma grande força de vontade, que muito louvamos, pôde ter conferido animo aos amadores para se aguentarem corajosos ante o seu numero de incidentes de que tem sido victimas; mas justamente por isso, merecem mais applausos.

O programma deve ser o seguinte:

A oppereta em dois actos *aneglo* do nosso presado amigo Achilles Lopes, «Maldita Carta» e bella musica do habil professor F. J. da Cruz.

A comedia n'um acto «Onde ha gallos de fama...» do mesmo actor, e o monologo «Bebado que segue a direito».

O espectáculo é distribuido aos srs.:—Joaquim M. de Carvalho, Bráulio da C. Monteiro, J. B. Rebocho, Achilles Lopes, J. Jardim e Elvira da Piedade Passos, alem de comparsas e outros.

Que sejam muito felizes, como merecem, é o que lhes desejamos.

—E como! Não vêdes que succumbirei sem conseguil-o? Meu pobre es-

poso!...

—Morrerá!

—Ai de mim! Tenho feito quanto tenho podido... e o remorso não povoará meus sonhos de horriveis visões... Tenho a consciencia tranquillada... Deus tenha piedade da sua alma!

O sabio viu Philomena retirar-se, e entrou no seu gabinete de estudo, pensando:

—Não pôde muito o amor conjugal! Que sentimento fará altruistas os seres humanos?

Mas aquella mesma noite tornou a viuva, porque já o era, e voltou desgrenhada, pallida, anhelante, como louca...

Nem uma só lagrima brotava de seus olhos, que pareciam despedir lume... Entrou onde estava o medico, e fitou-o como uma leoa deve fitar quem lhe arrebatou os seus cachorros.

Só disse estas palavras:

—Meu filho morre-se; seu pae contaminou-lhe a enfermidade.

—E depois?...

—Corrâmos!—respondeu.

Penetrou na referida sala, estendeu a mão, levantando como se fôra uma penna a enorme massa de chumbo e arrojou-a pela janella.

—Esquecia-me de que eras mãe—exclamou o medico, beijando-a na fronte com religioso carinho—Vae. Teu filho está salvo!

Ramiro Blanco.

SOCIEDADE LITTERARIA

INTIMOS

I

Mendigando, a pequenita  
Voltava alegremente,  
A sorrir constantemente  
Dos labios na rosea fita.

E quando o sol no poente  
Mergulhava, a pequenita  
—Ave cançada e bmdita—  
Buscava o ninho, contente!

A pobre mãe—que santinha!—  
Quando voltava a filhinha,  
—Alvorada que se abria!—

A mãe, que tanto chorava,  
Coitada, agora cantava  
Enquanto a filha sorria.

II

Ella a pedir, coitadita,  
Foi smolando meigamente,  
A suspirar turvamente  
Dos labios na branca fita.

E quando o sol no poente  
Mergulhou, a pobresita,  
—Ave perdida e bmdita—  
Veiu em busca tristemente

D'um ermo desconhecido,  
—Ultimo abrigo esquecido,  
Primeiro asylo nefando—

Onde ella, Jesus, coitada,  
Sem a mãe, que é sepultada,  
Fica penando... penando!...

Sousa Vieira.

O velho lavrador

Seis horas da manhã, abriu-se agora  
Da velha egreja o portico sombio;  
Do cimo do alto campanario esguio  
O sino espargue a vibração sonora.

Seguem moçoilas pelo campo fóra,  
Esvae-se ao longe o nevoiro frio,  
Enquanto a passarada se namora  
D'entre os salgueiros marginaes do rio

E elle, o pobre lavrador idoso,  
Espraia o triste olhar amargurado,  
Matando as maguas n'um trovador  
saudosos.

E' que esse ruje velho alquebrantado  
O filho já não vê laborioso  
Roubou-lho a lei para o fazer soldado;

Arthur de Magalhães.

No espelho da visão está a segu-  
rança da verdade.

A intolerancia dá importancia ás  
coisas mais frivolas.

O tempo

Durante esta semana tem aqui  
feito um frio intenso, como ha mu-  
tos annos se não notou.

Parece pois realizar-se a previsão  
dos sabios, annunciando ha tempo  
que o presente inverno seria o mais  
frio como ha muitos annos não temos  
tido.

Fortissimas tem sido as cama-  
das fde geada que tem cahido e o  
vento do Nascente frigidissimo.

Os beijos prohibidos

Não se acredita facilmente: ha  
ainda cidades em que é prohibido  
aos amorosos beijarem-se publica-  
mente.

E' primeiro Cherson, na Russia  
do sul, onde todo o beijo dado na  
rua custa quinze francos. o noivo que  
tocar publicamente no corpo da sua  
futura paga uma multa de doze fran-  
cos. o facto de confessar o seu amor  
num cartão postal custa o mesmo  
preço.

Ha depois Milão, onde no ultimo  
anno 721 pares de amorosos tive-  
ram que pagar as seis liras cada um  
por se terem beijado dentro da area  
da cidade. Fóra de Milão, a cousa  
faz-se de graça.

CARLOS LIBORIO

Participa aos seus amigos e  
ao publico em geral que tomou  
de trespassse a antiga mercearia  
de Mannel Mendes d'Abreu,  
n'esta Villa, cujo estabelecimento  
abre amanhã, 18 de Janeiro, com  
um bom sortido de artigos, taes como:  
—Mercearia, Vinhos finos, Quinquelhe-  
rias, Ferragens, Camas de ferro,  
Lavatorios, Tintas para  
obras, Cordas, e muitos outros  
artigos, onde todos encontrarão,  
a par da boa qualidade dos  
generos, preços limitados e  
muita seriedade para com todos  
que se dignem honral-o  
com as suas ordens.

A insurreição em Marrocos

São bastante alarmantes as noti-  
cias que nos ultimos dias se tem  
recebido de Marrocos.

Quando se julgava que estivesse  
proximo o termo da guerra, é quan-  
do as difficuldades mais se eviden-  
ciam para o Sultão.

Este, tendo liceneado os officiaes  
inglezes que instruiam as suas tropas,  
estes partiram para Tanger,  
para regressarem á Inglaterra.

Segundo consta, pelas informa-  
ções, Abd-el-Aziz desejava que o  
novo recontro com os rebeldes não  
se realizasse junto de Fez, para as-  
sim obstar a perigos e prejuizos da  
população da capital e principal-  
mente dos europeus que ali resi-  
dem, mas não o conseguirá, e antes  
aggravará a situação continuando a  
evidenciar predilecção pelos seus  
costumes. Também a noticia da pri-  
são do principe *Torto* augmentou a  
indignação dos que se interessam  
pelos assumptos e interesses de Mar-  
rocos.

Pelos telegrammas recebidos de  
diferentes pontos, alguns dos quaes  
publicamos, se avalia qual a situa-  
ção dos habitantes de Fez.

LONDRES, 11.—As noticias de  
Marrocos recebidas esta manhã são  
altamente contradictorias!

As que publicam o «Times», de  
Fez, só alcançam a 4 do corrente.

Segundo ellas, a tribu dos Nyai-  
as que foi a que fez perder a bata-  
lha ao sultão no recontro de Tazza  
e depois de submeter a Abd-el-Aziz,  
parece agora disposta a apoiar nova-  
mente os rebeldes.

Acrescentam mais essas noticias  
que, na população de Fez, se mota  
grande decepção pela fraqueza do  
imperador e sua manifesta incapaci-  
dade em presença dos acontecimen-  
tos.

O «Mornin Leader» recebeu um  
telegramma de Tanger, dizendo que  
a tribu de Alcacer-Kibir ameaça uni-  
se aos rebeldes.

Tambem consta que o grã-xerife  
de Wazau parece disposto, confor-  
mando-se com os desejos do sultão,  
a interpor a sua influencia para con-  
seguir a completa submissão dos re-  
beldes.

×

TANGER, 8.—As kabildas de Be-  
nider declararam-se em completa re-  
beldia, proclamando Bu-Hamara sul-  
tão: o governador d'essas kabildas  
pediu reforços ao governador de Tan-  
ger para conter a insubordinação.  
Foram-lhe enviadas munições e qua-  
tro metralhadoras.

×

TANGER, 12.—Em Fez reina  
grande panico.

Ninguem se atreve a sair ás ruas  
logo que anoitece.

Os estabelecimentos só tem aber-  
ta meia porta.

O movimento da cidade encontra-  
se inteiramente paralisado.

Desertaram e continuam desertan-  
do muitos soldados do exercito im-  
perial.

A prisão de Mulez, o «Torto», é  
vivamente comentada.

O sultão ordenou que haja guar-  
das na cidade santa de dia como de  
noite.

Foram reforçadas as trincheiras que  
defendem Fez.

×

TANGER, 12.—A prisão do prin-  
cipe Mulez, o «Torto», attribue-se  
ao receio que o sultão nutria de que  
elle, posto á frente das tropas, se  
aproveitaria d'isso para se proclamar  
imperador de Marrocos.

×

CADIZ, 12.—Consta por noticias  
de Tanger que em Fez se considera  
o sultão impotente para retomar a  
offensiva contra Bu-Hamara.

Abd-el-Aziz continua encerrado na  
capital; os insurrectos encontram-se  
a uma distancia de duas horas da  
cidade.

O principe está não só encerra-  
do como tambem carregado de gri-  
lhões.

Corre aqui o boato, de resto sem  
justificação, de que o imperador está  
encerrado no seu palacio e custodia-  
do pelo consoldado da Inglaterra.

A esquadra ingleza executa man-  
obras perto de Tanger.

Em Gibraltar fundearam vinte e  
dois navios de guerra britannicos.

×

Um milagre de Bu-Hamara

Bu-Hamara enviou um emissario  
ao administrador das alfandegas de  
Melilla, ordenando-lhes que não en-  
tregassem ao sultão dinheiro algum.  
Sabendo do caso, Abd-el-Aziz, man-  
dou metter o emissario n'uma prisão,  
carregado de grilhões.

Ora no dia seguinte e quando os  
guardas da prisão entraram na mas-  
morra para dar de comer ao preso,  
qual não foi o seu espanto ao vel-o  
desagrilhado. Procuraram-se os gri-  
lhões por todo o estreito calabouço  
e nada!

Inteirado do succedido, foram-lhe  
mandados pôr novos grilhões. O co-  
mandante guardou, em pessoa, a cha-  
ve da masmorra.

Vinte e quatro horas depois abre-  
se de novo a prisão. Que assombro!  
O espectáculo era o mesmo; o preso  
estava inteiramente desprendido, e  
os grilhões tinham desaparecido ou-  
tra vez!

Estes e outros boatos grangiarão  
a Bu-Hamara uma popularidade enor-  
me. Os marroquinos creem-no um  
ser sobrenatural. Para elles, Bu-Ha-  
mara não se chama já o «roguin»;  
chamar-se-ia Messias se elles acredi-  
tassem em Messias. Mas o que é in-  
discutivel é que o presumem o re-  
dentor da sua exausta nacionalidade  
e da sua cançada fé.

EXPEDIENTE

Aos nossos prezados assignantes  
da Africa, pelimos a subida fineza  
de nos enviarem os debitos de sua  
assignatura, alguns dos quaes estão  
em grande atraso.

Aos cavalheiros que em S. Thomé  
têm recebido o nosso jornal, e que  
sendo-lhes pedida a importancia do  
seu debito, pelo nosso prezado amigo,  
sr. José Joaquim de Carvalho, decla-  
raram que não pagam, lembramos  
que é incorrecto o seu procedimento  
e por isso satisfacão os seus debitos,  
poupano-nos a que aqui publicemos  
os seus nomes.

Pelo Tribunal

Audiencia de 12 de de janeiro.

Distribuição

—Inventario orphanologico, por  
obito de Luiza Maria, moradora que  
foi no logar da Salaborda Velha.  
3.º officio. Escrivão—Carvalho.

—Inventario orphanologico, por  
obito de Domingos Thomaz, mora-  
dor que foi no logar de Pera.  
3.º officio. Escrivão—Carvalho.

A rir—

Uma senhora maçadora está en-  
chendo de perguntas um bombeiro:  
—E para que serve esta corcêia  
que os senhores tem debaixo da  
barba?

—E' para amparar os queixos  
quando estiverem cançados de res-  
ponder, diz o bombeiro.

EM FAMILIA

Charadas combinadas

Ao meu bom amigo e insigne  
charadista—Oiltur.

- 1.ª + bi == pedra preciosa
- 2.ª - ple == cantar
- 3.ª - la == tecido
- 4.ª -- la == planta
- 5.ª + la == instrumento impulsivo
- 6.ª -- no == nação
- 7.ª + lo == instrumento

Nome.

Treples.

- 1.ª + mo == parente
- 2.ª - ço == martello
- 3.ª - lho == Ancião
- 4.ª - ma == nas arvores

Serial.

×

Charadas reduzidas

Arma—2

=r=

No jogo—2

Treples.

Gracioso—3

=ce=

Vestimenta—2

Serial.

Decifrações do numero 279:

Logogrifho—Izaura.

Novissima—Arroso.

Charada combinada—Charada.

## ANNUNCIOS

Editos de 60 dias

1 (2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos e cartorio do 1.º officio, correm editos de 60 dias, a contar da ultima publicação, citando Accacio Nunes da Matta, natural do Bailão, Comarca da Certã, auzente em parte incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil, para assistir a todos os termos da execução hypothecaria que Albino Nunes, de Pedrogam Grande, move contra José das Neves e mulher Maria Henriques Carreira, da Castanheira de Pera, a fim de, como representante da crêdora hypothecaria D. Mathilde do Sacramento Nunes da Matta, que foi do Bailão, da dita Comarca da Certã, deduzir, querendo, os seus direitos.

Figueiró dos Vinhos, 22 de novembro de 1902.

O escrivão

Joaquim Flaviano de Campos Jardim.

Verifiquei—

O Juiz de Direito  
João Ribeiro.

## Madeira de castanho

2 Em todos os tamanhos—já para edificação, já para vazilhame—tem para vender o proprietario Joaquim d'Aranjo Lacerda, d'esta Villa.

## 100\$000 REIS

3 Empréstam-se sobre propriedade ou letra com bons fiadores. Trata-se com Perdígão em

FIGUEIRÓ DOS VINHOS.

## A LA VILLE DE PARIS

4 EM  
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

## PARA FUNERAES

Deposito de cordas, fitas e letras d'esta importante fabrica do Porto. Preços os mesmos do Porto e Lisboa. Tambem se recebem encomendas para flores artificiaes.

Pedidos a—José Miguel Fernandes David—  
Figueiró dos Vinhos.

## CASA VAULTIER

5 62—CAES DO TOJO—64  
LISBOA

Depositaria da casa

G. Klene,

DE

BARCELONA

Fabrica todos os artigos de borracha, em todos os generos e feitos. Amiantor em corda e

folha. Correame em couro. Balata, pello de camello, algodão e coutechou. Oleos mineraes e muitos outros artigos para estabelecimentos fabris.

## BERNARDINO DE FREITAS

com

## Officina de Canteiro

CORREIO DOS CABAÇOS

—CORTEÇA—

Fornecer cantarias com ornatos ou sem elles, á vontade do freguez.

Jazigos, por planta á vista, fornecida por elle ou pelo freguez, por preços convencionados, mas sem competencia.

## Grande novidade americana

Uma machina de costura por 3\$500 reis em Lisboa, e 3\$700 reis em qualquer ponto do paiz!

AGENTE GERAL

Rua do Crucifixo, 87, 1.º—LISBOA

N'esta villa encarrega-se de satisfazer qualquer encomenda, e presta as instrucções necessarias para trabalhar com a referida machina, o proprietario d'este jornal, que já poesue um d'estes uteis objectos.

## Almanach das Aldeias para 1903

Publicado por Julio Gama—  
Collaborado pelos redactores da  
GAZETA DAS ALDEIAS

Este almanach, único no seu genero que se publica em Portugal, é um precioso guia agricola illustrado, contendo numerosos artigos sobre varios assumptos, e todas as indicações proprias de livros d'esta ordem.

Nenhum lavrador deve dispensar o  
ALMANACH DAS ALDEIAS.

1 volume de 160 paginas, illustrado, 150 reis.

E' remittido, franco de porte, em todo o reino, a quem dirigir o pedido, ACOMPANHADO DA RESPECTIVA IMPORTANCIA, á administração da Gazeta das Aldeias, rua do Costa Cabral, 1216—Porto.

ALFREDO GALLIS

## SAPHICAS

VII da Tuberculose Social

Um volume 500 reis

E' este o titulo do VII volume da serie TUBERCULOSE SOCIAL, e bem tuberculose se póde moralmente considerar essa repulsiva união de dois seres do mesmo sexo, que, se nos homens é uma vergonha aberrativa condemnada pelos moralistas e philosophos de todos os tempos, incluindo a propria obra de Deus no

arrasamento de Sodoma e Ghomorra, entre as mulheres constitue uma das mais terriveis lepras que devora a sociedade e a constituição honesta da familia.

N'este livro o exemplo é frisante, e põe de sobreaviso todos os paes e mães, que a pessoas estranhas não devem confiar a guarda de suas filhas.

- I—Os Chibos, 1 vol. 500 reis.
- II—Os predesstrados, 1 vol. 500.
- III—Mulheres Perdidas, 1 vol. 500.
- IV—Decadentes, 1 vol. 500.
- V—Malucos, 1 vol. 500.
- VI—Os Politicos, 1 vol. 500 reis.

LIVRARIA CENTRA de Gomes de Carvalho, Editor. Rua da Prata, 158, 160—LISBOA.

## ABC DO POVO

PARA APRENDER A LER

por

TRINDADE COELHO

COM DESENHOS DE

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Oitenta paginas luxuosamente illustradas

Preço de cada exemplar, 50 reis

Pelo correio, 60 reis

## Cartilha do Povo

Nova edição auctorizada pelo auctor

Preço de cada exemplar, 20 reis

Pelo correio: 25 reis

A' venda na casa editora—*Livraria Aillaud*—Rua do Ouro, 242, 1.º—Lisboa—e em todas as livrarias.

## ARITHMETICA PRATICA

«A Pequena Bibliotheca do Telegraphista» de que é auctor o habil leccionista do curso das escolas elementares de telegraphia e alumno do curso de telegraphos, ADELINO LOPES CARREIRA, que em pequenos volumes escriptos em linguagem accessivel mesmo aos menos instruidos, que tratará de todas as materias dos novos programmas das escolas praticas de telegraphia, exames previos e concursos dos quadros dos correios, e telegrapho-postal, desde aspirante auxiliar até 1.º official, inicia a sua publicação com a

## ARITHMETICA PRATICA

Esta *Arithmetica*, verdadeiramente pratica que o seu auctor escreveu de forma a poder ser estudada sem mestre, a unica que em portuguez segue tal orientação, pelo que se torna muito util aos membros das classes telegrapho-postal, commercial e a todos que pretendam adquirir tão uteis conhecimentos, e bem assim aos alumnos de quaesquer escolas.

Podem desde já satisfazer-se quaesquer assignaturas a fasciculos de 32 paginas, semanalmente ou quinzenalmente, conforme a indicação dos assignantes.

Está já impresso o 2.º fasciculo e em breve o estará toda a obra para enviar-se d'uma só vez, a quem a requisite.

São já bastante avultadas as encomendas d'este livro, para diversos collegios da capital, cujos directores tem d'ella conhecimento.

O seu preço não excederá a 1\$000 reis e a assignatura a fasciculos de 32 paginas (formato 14×22), typo miude, é de 120 reis.

Os individuos que angariarem mais de 2 assignaturas, tem a commissão de 25 por cento.

Os pedidos podem desde já ser feitos ao editor—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR—Figueiró dos Vinhos, e ao seu auctor, em Lisboa, rua da Boa Vista, n.º 120—2.º andar.

A seguir publicar-se-hão os volumes de—*Geographia, Geometria, Algebra, Physica, Mechanica, Chimica, Electrotechnia* e outros.

Recebem-se já assignaturas para quaesquer d'estas obras, para as quaes se não póde ainda fixar preço.

## AOS VINHATEIROS PORTUGUEZES

Todos os vinhateiros, mesmo os mais experientes na fabricação dos vinhos, devem adquirir o

## Tratado Prático de Vinificação

que acaba de ser posto á venda nas principaes livrarias do reino; porque esse livro, escripto pelo eminente agrónomo

M RODRIGUES DE MORAES

trata com a maior precisão e clareza de todas as operações vinarias, desde a vindima, até o concerto e melhoramento dos diversos vinhos, e aproveitamento dos residuos da vinificação, e ensina a prevenir e tratar os defeitos e doencas dos vinhos. É uma obra eminentemente pratica, profusamente illustrada com gravuras ilucidativas, constituindo

o guia mais completo do fabricante de vinhos, que até hoje se tem publicado em portuguez,

abrangendo todas as matérias respeitantes a esta industria agricola e dando conta dos mais recentes estudos.

É um volume de 300 paginas, com extenso texto, 73 gravuras e o retrato do insigne professor Ferreira Lapa.

Preço em brochura 200 reis

Pedidos á LIVRARIA MOREIRA

42, Praça de D. Pedro, 44—PORTO.